

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

VIVIAN PATRÍCIA CABERLON NUNES

**A INCLUSÃO DIGITAL E SUA CONTRIBUIÇÃO NO COTIDIANO DE IDOSOS:
POSSIBILIDADE PARA UMA CONCEPÇÃO MULTIDIMENSIONAL DE
ENVELHECIMENTO**

Porto Alegre

2006

VIVIAN PATRÍCIA CABERLON NUNES

**A INCLUSÃO DIGITAL E SUA CONTRIBUIÇÃO NO COTIDIANO DE IDOSOS:
POSSIBILIDADE PARA UMA CONCEPÇÃO MULTIDIMENSIONAL DE
ENVELHECIMENTO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica curso de mestrado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza

Porto Alegre

2006

VIVIAN PATRÍCIA CABERLON NUNES

**A INCLUSÃO DIGITAL E SUA CONTRIBUIÇÃO NO COTIDIANO DE IDOSOS:
POSSIBILIDADE PARA UMA CONCEPÇÃO MULTIDIMENSIONAL DE
ENVELHECIMENTO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica curso de mestrado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	10
2 OFICINAS DE INCLUSÃO DIGITAL E COTIDIANO: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
3 A CONTRIBUIÇÃO DA INCLUSÃO DIGITAL NA VIDA COTIDIANA DO IDOSO (artigo)	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

INTRODUÇÃO

A importância da pesquisa na área da Gerontologia tem se mostrado de grande relevância ao processo do desenvolvimento e do conhecimento humano. Na chegada do século XXI e das possibilidades de novos olhares, mais forte ficou a percepção de que o envelhecimento e a longevidade vêm acompanhando a transformação da sociedade. Transformação que traz inseridos os recursos informatizados em um caminho sem volta.

Os jovens e crianças durante muito tempo tiveram seu direito de acesso à tecnologia garantido e defendido, inclusive pelos idosos.

Os próprios idosos considerando-se indesejados foram descartando-se e sendo descartados do meio do trabalho, social e familiar. Chegando, dentro de seus parâmetros, a decidir por conta própria a busca de asilo ou casa de repouso, que na maioria das vezes é paga por ele mesmo. Atitude com a qual a família sentia-se aliviada. Mas isso não é passado. Hoje, em pleno século XXI ainda encontramos situações como estas, pois idosos vivem um cotidiano envolvido por uma cultura que o concebe como improdutivo, respondendo com uma atitude de passividade. Assim sendo, lentamente abdicam de suas preferências, desejos, sentimentos de valorização e solidariedade.

Dados¹ demonstram que a população de idosos vem aumentando consideravelmente. Com os avanços tecnológicos da Medicina e os programas de qualidade de vida sugeridos às pessoas, através dos meios de comunicação e dos profissionais da saúde, a concepção de envelhecimento e de idoso parece estar

¹ IBGE. Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios [online] 2002. [capturado 2006] Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtml>

evoluindo, mostrando também que o idoso é pessoa ativa, e que tem muito a contribuir com a sociedade, o que a tempos remotos não era percebido no Brasil.

A Informática, ao longo dos anos, tem comprovado que é uma ferramenta de diversas possibilidades de formas de atuação e atualização. Tem também se mostrado, como auxílio a novos modelos de organização da vida, com a otimização do tempo de dispêndio para realização de trabalhos, tarefas.²

É verdade que a informática aparece de maneira significativa, nos mais diversos setores da sociedade, provocando transformações nos aspectos econômicos e sociais, mexendo com valores e comportamentos das pessoas.

Entre as potencialidades permitidas pela informática, devemos destacar as possibilidades de sua utilização no processo ensino-aprendizagem. Para tanto, precisamos retomar algumas concepções sobre aprendizagem.

A aprendizagem pode ser vista como capacidade de adquirir cultura e incorporar a cultura para assim fazer parte da sociedade; a aprender a conviver com saberes relativos, parciais, fragmento de conhecimentos que substituem as verdades absolutas de antigamente e que requerem uma contínua reconstrução e integração³

Desafio também é estar disposto a adquirir outros conhecimentos culturalmente relevantes e/ou úteis para si, que refletem na convivência com o outro no seu cotidiano. É ter a idéia de uma aprendizagem incessante. Por isso, é preciso uma cultura da compreensão, da análise crítica, da reflexão sobre o que feito e sobre o que se acredita, para que se possa compreender e dar sentido ao conhecimento, a partir da dúvida sobre ele.³

Aprender pode significar coisas distintas dependendo das necessidades culturais. No presente estudo, aprender será entendido como reestruturação dos conhecimentos, implicando, de alguma forma, desaprender.³

As mudanças baseadas na reorganização dos comportamentos ou do conhecimento, vinculadas à aprendizagem construtiva, têm características diferentes. Seu efeito não é substituir, mas integrar este comportamento ou idéia numa nova estrutura de conhecimento. Aprender torna-se fruto da descoberta e da exploração curiosa do mundo, produzindo conhecimento por reconstrução do conhecimento já sistematizado.³

² Kachar V. Terceira Idade & Informática: Aprender revelando potencialidades. São Paulo: Cortez; 2003.

³ Pozo JI. Aprendizes e Mestres: A nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed; 2002.

Sempre com a busca da aprendizagem existe um motivo e, tanto o *aprendiz* como o *mestre*, se tiverem presente este motivo, encontrarão maior probabilidade que a aprendizagem ocorra de forma mais satisfatória. O êxito na aprendizagem está relacionada também com a interação entre ambos e seus pares, são as potencialidades respeitadas na construção do conhecimento.

Conhecer como a informática pode ser parceira permite compreender e atender melhor à diversidade humana e apresentar algumas possibilidades de sua utilização com as pessoas, contribuindo para a construção de condições de acessibilidade, tanto à educação quanto ao trabalho. Trabalho que tem significado de vida para o homem, que traz o bem-estar e eleva auto-estima, no qual necessidades sociais são satisfeitas e trazem resultados úteis às pessoas.

Dizer que trabalho e informática não combinam com o idoso, não é verdadeiro, pois estudos cientificamente comprovados apontam ao contrário, afirmando que a atualização tecnológica que faz parte do mercado, também é caminho do idoso que está presente em nossa sociedade e em um número cada vez mais significativo. Lembrando que *Idoso*, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) é a pessoa com 60 anos ou mais, nos leva a pensar que:

O declínio de algumas atividades não inviabiliza a apropriação e o domínio do recurso tecnológico, mas exige um contexto educacional específico que atenda às condições de aprender sobre a máquina e por meio dela explorar outras possibilidades de desenvolvimento do indivíduo.²

É importante que o idoso seja introduzido no mundo da informática com abordagens e metodologias adequadas as suas necessidades, uma vez que este “novo instrumento” gera novas maneiras de relações sociais, familiares e desenvolve formas de aprendizagem que atingem a todas as idades e automaticamente aproxima as gerações. Como também, rompe a idéia de que o idoso não aprende ou que não é produtivo.

O número de cursos de informática para idosos têm aumentado, porém muitos são oferecidos sem o cuidado e o conhecimento necessário sobre o desenvolvimento desta faixa etária.

As pesquisas sobre a aprendizagem e utilização do computador, por idosos, no Brasil, são ainda escassas, por isso a metodologia de ensino e aprendizagem específica, para eles, apresenta muitos aspectos a serem estudados.²

A presente pesquisa teve como objetivos a construção de pontos de referência sobre a contribuição da inclusão digital no cotidiano de idosos e analisar suas concepções de envelhecimento, tendo como referência a análise da concepção inicial de envelhecimento, realizada com os mesmos idosos em pesquisa anterior, identificando-se permanências e avanços na concepção deste fenômeno.

O estudo foi desenvolvido numa abordagem qualitativa/dialógica junto a 25 idosos que freqüentam há 6 meses oficinas pedagógicas de alfabetização digital, realizadas duas vezes por semana, com duração de uma hora, sob a coordenação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Concepção de Envelhecimento do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica do Instituto de Geriatria e Gerontologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Os dados foram coletados por observação participante e por entrevista coletiva, utilizando-se os princípios da dialógica de Morin (recursivo, hologramático e dialógico) na análise da realidade.

Como critérios de cientificidade foram utilizados os propostos por Bauer e Gaskell (2001): triangulação entre dados oriundos da observação participante e das entrevistas; clareza na descrição dos procedimentos; construção do *corpus*; descrição detalhada dos dados; clareza na compreensão/explicação da realidade.

A análise dos dados compreendeu os seguintes movimentos:

- a) leitura exploratória global dos registros das observações participantes e das transcrições das entrevistas;
- b) leitura detalhada de cada material coletado;
- c) organização do material por unidades contextuais;
- d) identificação das unidades de significados e classificação em dimensões;
- e) identificação de contradições;
- f) síntese dos resultados.

Na presente pesquisa os aspectos destacados foram a contribuição das oficinas de inclusão digital no cotidiano do idoso, incluindo a caracterização de sua concepção de envelhecimento, estando este relatório de pesquisa constituído na forma preconizada pelo Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica: após a introdução apresenta os capítulos 1 e 2 com a discussão sobre a concepção de envelhecimento dos participantes do estudo e a

contribuição das oficinas de inclusão digital em seu cotidiano e (; apresentando-se a seguir) o capítulo (de livro) submetido ao conselho editorial para integrar o (do) livro Actas da Conferência Ibero-Americana (ISBN 972-99353-1-9), com idéias conclusivas e as referências bibliográficas utilizadas nos capítulos da discussão, que serão publicadas em outubro do corrente ano.

1 CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As atividades desenvolvidas nas oficinas de inclusão digital foram e estão sendo desenvolvidas objetivando também o favorecimento de uma concepção de envelhecimento transpassada pela consciência de que é um processo que não significa apenas declínio, incluindo possibilidades para produção intelectual e para utilização de recursos tecnológicos.

No presente estudo concepção significa configuração original que constituindo matriz para construções, combinando a aptidão para formar imagens mentais com aptidão para produzir imagens materiais. Assim sendo, a concepção de envelhecimento é construída em função de paradigmas, teorias, idéias, palavras, mitos e discursos que permeiam o contexto cultural.⁴

O ambiente de aprendizagem – oficinas pedagógicas - numa perspectiva não simplificadora do uso do computador, utilizando-se este recurso como meio para a reflexão sobre concepções humanas e o desenvolvimento de funções intelectuais superiores, foi de extrema relevância para a realização do presente estudo.

Os dados sobre concepção de envelhecimento foram coletados por meio de entrevistas coletivas realizadas com grupos compostos por 04 idosos, tendo uma duração aproximada de 50 minutos cada uma.

A partir dos dados coletados e analisados, foi constituído o quadro 1, a seguir, no qual são apresentadas as unidades de significado emergentes das entrevistas e a síntese das concepções de envelhecimento elaboradas a partir das falas dos participantes do estudo.

As concepções de envelhecimento dos participantes de 1 a 15, que pertenciam ao primeiro grupo das oficinas, foram construídas no estudo realizado por Glock⁵. Os dados sobre as concepções dos participantes de 16 a 25 foram coletados e analisados no presente estudo, integrando-se as concepções dos dois

⁴ Morin, E. O Método 3: O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina; 1999.

⁵ Glock S. Concepções de envelhecimento em homepages elaboradas por idosos [dissertação] Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2005.

grupos na discussão teórica, como uma totalidade maior (25 idosos), como uma amostra ampliada.

Unidades de registro	Concepção de envelhecimento
<p>Participante 1</p> <ul style="list-style-type: none"> • potencial para aprendizagem, para novas formas de comunicação, estabelecimento de novas relações e novas dinâmicas de trabalho • viver, renascer, reviver e despertar para a vida • processo natural, individual, com potencialidades únicas e distintas • ter capacidade para articular conhecimentos nas diferentes áreas, mantendo vivo o potencial do ser humano • representa a necessidade de estimulação e desenvolvimento de habilidades presentes. • Principal fator é a inatividade. 	<ul style="list-style-type: none"> • É processo natural, individual, com potencialidades distintas, incluindo potencial para aprendizagem, para o estabelecimento de novas relações e novas dinâmicas de trabalho e de articulação de conhecimentos de diferentes áreas o que implica estímulo e desenvolvimento de habilidades já presentes. É viver, renascer, reviver e despertar para a vida. O principal fator limitante é quando há inatividade
<p>Participante 2</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencial para aprendizagem e abertura para o mundo 	<p>É perda da autonomia e do interesse pela vida, ao</p>

<p>infinito</p> <ul style="list-style-type: none"> • É quando se perde a autonomia e o interesse pela vida, considerando-se incapaz e improdutiva, é um estado de espírito • Desafios considerados bem-vindos para testar a capacidade 	<p>considerar-se incapaz e improdutiva, constituindo um estado de espírito, embora exista o potencial para aprendizagem e a abertura para o mundo, necessitando de desafios para testar a capacidade.</p>
<p>Participante 3</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ter curiosidade de conhecer o mundo e utilizar o conhecimento anterior para melhorar a vida • Utilização das novidades, unindo o novo e passando pelas experiências que exigem não fechar um conceito por estar vivendo uma transição • Está mais na cabeça de cada um do que no processo em si: até o próprio corpo pode ter uma idade e a mente outra • Querer estar bem consigo mesmo para estar bem com a vida, é viver o novo • É ter potencial para utilizar novas formas de comunicação e convívio com os jovens 	<p>Está mais na mente de cada um do que no processo em si, incluindo a possibilidade de conhecer o mundo e utilizar o conhecimento anterior, para melhorar a vida; utilizar novidades, demandando não fechar conceitos por estar vivendo uma transição; precisa incluir o querer e o estar bem consigo; incluir potencial para utilizar formas de comunicação e conviver com a juventude.</p>

<p>Participante 4</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencial para ampliação do conhecimento e meios de comunicação • É viver o hoje com olhos voltados para o futuro, sem esquecer o passado • É um fenômeno multidimensional que atinge de forma diferente o corpo e a mente • É viver, renascer, reviver e despertar para a vida • É preciso ser ativo, capaz de oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais • É preciso saber viver com o progresso sem esquecer princípios morais e adaptando-se os princípios convencionais 	<p>É um fenômeno multidimensional, que atinge de forma diferente o corpo e a mente; é tempo de viver, renascer e despertar para a vida, com potencial para ampliação do conhecimento e do uso dos meios de comunicação; é viver o hoje com os olhos voltados para o futuro, não esquecendo o passado; há necessidade de manter-se em atividade, com capacidade para criação em relação às mudanças sociais; envolve saber viver com o progresso sem esquecer princípios morais, adaptando-se aos princípios convencionais.</p>
<p>Participante 5</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencial para atualização e produtividade • Conhecimento dos avanços das últimas descobertas • Atividade, participação em iniciativas solidárias e na vida em família 	<p>Inclui potencial para atualização, produtividade e para o conhecimento dos avanços das últimas descobertas, necessita manter-se em atividade, participar em iniciativas solidárias e na família, convivendo com pessoas que tragam alegria,</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Convivências com pessoas que tragam alegria, conhecimento e cultura • Muita leitura 	<p>conhecimento e cultura. É preciso ler muito.</p>
<p>Participante 6</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencial para atualização • Saber viver • Atividades que dão satisfação • Reviver e renascer • Atividade mesmo quando é preciso desconsiderar o que a família deseja • Capacidade de realizar com sabedoria e criatividade • Dignidade, amor à vida e gostar de si mesmo 	<p>Pressupõe capacidade de realização com sabedoria e criatividade, potencial para atualização; saber viver, reviver e renascer com dignidade; ter amor a vida e gostar de si mesmo; desenvolver atividades que dão satisfação, mesmo quando é preciso desconsiderar o que a família deseja.</p>
<p>Participante 7</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencial para aprendizagem e para convivência • Abertura a grandes descobertas • Produtividade • Querer é poder 	<p>Inclui potencial para aprendizagem, convivência, abertura a grandes descobertas e produtividade. Pressupõe querer como poder, ter disponibilidade para ajudar aos outros e estar de bem com a vida.</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar aos outros <p>Estar de bem com a vida</p>	
<p>Participante 8</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diminuição da auto-estima • Capacidade de aquisição de conhecimento, de desistência de coisas não importantes • Conhecimento de perda de condições para atividades específicas dos jovens, mas apesar das perdas e dificuldade ter a condição de alegrar-se com a vida futura • Necessidade de abertura para novas propostas • Potencial para aprendizagem que é a melhor maneira para continuar vivo e produtivo • Enfrentamento de desafios para crescimento e amor próprio 	<p>Inclui o conhecimento de perdas de condições para atividades que são prerrogativas da juventude e a condição de alegrar-se com o futuro, com capacidade para a aquisição de conhecimento e para a desistência de coisas que não são importantes, o que exige abertura a novas propostas e para a aprendizagem, mantendo-se vivo e produtivo, enfrentando desafios como o da diminuição da auto-estima, do crescimento e do amor próprio.</p>
<p>Participante 9</p> <ul style="list-style-type: none"> • É deixar de ser útil a si mesmo ou para os outros, quando se para de sonhar, de conhecer novas ideias, de 	<p>É quando a pessoa assume que está em declínio cognitivo, considerando-se e deixando de ser útil a si ou aos outros,</p>

<p>alcançar metas</p> <ul style="list-style-type: none"> • É a pessoa que define se vai ser velha de cabeça ou não • Necessidade de utilizar o poder mental • Quarenta anos como início da vida e melhor hora para realizar os sonhos da juventude • Necessidade de continuar crescendo 	<p>abdicando de sonhos, de conhecer novas idéias, de estabelecer metas. É preciso utilizar o poder mental, realizar os sonhos da juventude, continuando a crescer.</p>
<p>Participante 10</p> <ul style="list-style-type: none"> • É inerente ao ser humano • Inclui enfraquecer biologicamente e se transformar até morrer • Pode ser retardado pela alimentação e exercícios físicos • Potencial para viver a emoção da atualização, o que acontece pelo mundo • Potencial para aprendizagem e comunicação 	<p>É inerente ao ser humano, incluindo o enfraquecimento biológico a transformação até morrer, o que pode ser retardado pela alimentação e exercícios físicos; inclui potencial para viver a emoção da atualização, conhecer o que acontece pelo mundo, aprender e comunicar.</p>

<p>Participante 11</p> <ul style="list-style-type: none"> • É sabedoria que se transmite para gerações interligadas, o que leva a uma sabedoria universal 	<p>É sabedoria que se transmite para gerações interligadas, levando a uma sabedoria universal.</p>
<p>Participante 12</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades que geram adaptações • Gera conhecimento que se tenta incorporar ao modo de viver • Capacidade de novas relações, comunicação e aprendizagem • Necessita de uma atitude de busca de novos relacionamentos e aprendizagens • É desafiar o medo para vencer os desafios 	<p>Gera conhecimento que se tenta incorporar ao mundo da vida, com capacidade de novas relações, comunicação e aprendizagem, necessitando de atitude de busca de relacionamentos e aprendizagem, embora com dificuldades, que geram adaptações. Inclui desafiar o medo, para vencer os desafios.</p>
<p>Participante 13</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencial e sede de aprendizagem • Potencial para transmitir conhecimento para as 	<p>Pressupõe potencial e sede de aprendizagem, de transmitir conhecimento para as pessoas com quem convive, sem</p>

<p>peçoas com quem convive, não sendo dono da verdade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Humildade, paz e amor • Capacidade para novas atividades • Querer é poder 	<p>consider-se dono da verdade; inclui humildade, paz e amor, com capacidade para novas atividades; querer é poder</p>
<p>Participante 14</p> <ul style="list-style-type: none"> • Capacidade para aprendizagem, comunicação e admiração da natureza e das relações interpessoais • Potencial para atualização 	<p>Pressupõe a capacidade para aprendizagem, comunicação e admiração da natureza e das relações interpessoais, incluindo potencial para atualização.</p>
<p>Participante 15</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencial para comunicação, lúdico e para a aprendizagem • Necessidade e inserção em atividades culturais, sociais e econômicas 	<p>Inclui o potencial para comunicação, lúdico e aprendizagem, com necessidade de inserção em atividades culturais, sociais e econômicas.</p>

Elaborado por Sílvia Glock⁵

Fonte: Glock S. Concepções de envelhecimento em homepages elaboradas por idosos [dissertação] Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2005.

Quadro 2 – Conceção de envelhecimento (cont. do quadro 1)

Unidade de significado	Conceção de Envelhecimento
<p>Participante 16</p> <ul style="list-style-type: none"> • Uma etapa da vida • Desde que nascemos envelhecemos • Estou contente com a idade que tenho • A idade não é problema para mim • Deve ser bom para todos • Ter atividade física e mental • Ter saúde <p>Cada um faz a sua velhice</p>	<p>É processo que acontece desde o nascimento, correspondendo a uma etapa da vida, que deve ser boa para todos, incluindo atividades físicas e mentais para ter saúde, pois cada um faz sua velhice. Possibilita o “estar contente” quanto a idade, não se constitui em problema.</p>
<p>Participante 17</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diminuição da renovação das células dos tecidos, da capacidade vital • Apresenta limitações nos movimentos 	<p>É percebido como algo natural, que envolve diminuição da renovação das células dos tecidos e da capacidade vital, apresentando limitações nos movimentos. Pressupõe a idade</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Perceber como algo natural • A velhice não é o fim • Conhecer seus limites e viver na dignidade 	<p>de conhecer seus limites e viver com dignidade, não constituindo a velhice como um fim.</p>
<p>Participante 18</p> <ul style="list-style-type: none"> • É vida nova • Algumas pessoas acham que é o fim • Agora estou começando a viver • Vou a baile, vou a festas, faço musculação • Faço tudo que tenho direito • Pelos cabelos brancos, mas já andei pintando • Continuo fazendo o que fazia, é só usar a tecnologia • Estou melhor de quando tinha 20 anos • Não deveria ser trágica para certas pessoas • Vão decaindo, decaindo • As pessoas têm que ter atividades • Pretendo ir longe e com atividades (idade) 	<p>É vida nova, em que se começa a viver e a usufruir de situações de lazer e de atividade, cuidados estéticos e de fazer o que se considera ter direito, embora algumas pessoas considerem ser o fim, com caráter de tragicidade que a levam a entrar em declínio. É possibilidade de sentir-se melhor do que quando jovem, e de alcançar com atividades maior longevidade.</p>

<p>Participante 19</p> <ul style="list-style-type: none"> • Começo do fim • Começa as dores, os problemas, “cai a cara” • As doenças aparecem • Faz 10 anos que me assustei com minha idade • Acho meu envelhecimento muito bom , pois sou ativa, faço um monte de coisas, consigo caminhar • Estou viva ainda • Quero me conhecer melhor • Estou em desenvolvimento • Deus é quem sabe como deve ser <p>Deveríamos ser eternos para cuidar quem amamos</p>	<p>É o começo do fim, aparecem as doenças, dores, problemas e flacidez do rosto, causando surpresa ao serem detectados os primeiros sinais. O envelhecimento pode ser percebido como muito bom, envolvendo atividade, percepção de estar em desenvolvimento e estar vivo, incluindo a vontade de autoconhecer-se. Deveria ser eterno para possibilitar o cuidado de quem amamos. Porém Deus é quem determina.</p>
<p>Participante 20</p> <ul style="list-style-type: none"> • é não participar mais de nada • é ficar em casa • é não ter vontade de fazer as coisas • é ficar sedentário • estou ficando mais enrugada 	<p>É não participar mais de nada, é permanecer em casa, sem vontade de fazer as coisas; é ficar sedentário, adquirir rugas e perder a força. É a possibilidade da vida ser boa quando há participação em grupos; tempo de usufruir de maior liberdade, alegria e saúde; de ser ativo e de ter tempo para si e para</p>

<ul style="list-style-type: none"> • não tenho mais tanta força • vida está boa, pois tenho amizades e participo de grupos • antes eu estava presa • agora tenho mais liberdade, os filhos não ocupam tanto de mim • ter bastante atividade • ter alegria • participar de tudo • conviver com filhos e netos <p>ter muita saúde que é importante</p>	<p>conviver com filhos e netos.</p>
<p>Participante 21</p> <ul style="list-style-type: none"> • algo que não é bom • vai ficando com deficiências • buscar meios que auxiliem a lidar com seu envelhecimento • buscar (os meios) de forma preventiva • fica mais maduro • observa mais as coisas 	<p>É algo que não é bom em razão das deficiências e limitações, sendo preciso buscar meios que auxiliem a lidar com o seu próprio envelhecimento, de forma preventiva, qualificando corpo e mente, fazendo atividade física. É amadurecimento com possibilidade de observar melhor as coisas, ser mais aceito pela sociedade não sendo discriminado, dar menos trabalho à família, envelhecendo com consciência e</p>

<ul style="list-style-type: none"> • qualificar corpo e mente • se preparar para estar bem • não dar trabalho para os demais • faço ginástica, estou bem para a minha idade • antes eu dava pulo, hoje é mais difícil • preocupação com a beleza interior • ser mais aceito pela sociedade • agora esta ficando melhor • não ser tão discriminado • envelhecer com a consciência de compreender mais as coisas 	<p>melhor compreensão</p>
<p>Participante 22</p> <ul style="list-style-type: none"> • tudo na vida envelhece • estamos envelhecendo • envelhecimento depende de cada um • toda idade é boa • estou envelhecendo bem • não tenho problemas de doença 	<p>O envelhecimento acontece em tudo e o homem também está envelhecendo. É algo que depende de cada um e que vai acontecendo gradativamente, com possibilidade de todas as idades serem consideradas boas. Propicia a possibilidade de fazer todas as atividades nas quais sintamos capacitados, sem problemas de doença o que pode trazer uma velhice com maior</p>

<ul style="list-style-type: none"> • faço todas as minhas atividades tranqüila • não tão ligeiro como fazia antes <p>ser assim mesmo, aos pouquinhos</p>	tranqüilidade.
<p>Participante 23</p> <ul style="list-style-type: none"> • atingir uma idade plena, com saúde • é uma fase importante • aspecto físico, sinto carências • o espelho é mortal, ele e as fotos • a memória começa diminuir • no convívio social temos outra dimensão, para melhor • visão deixa de ser tão boa • ocorre como deve ser • em etapas • tem escala de valores • ter padrão de saúde • poder olhar para e ver tudo que fizemos, mas olhar para frente e ver tudo que podemos fazer 	<p>É fase importante em que a memória tende a diminuir e na imagem revelam-se as carências dos aspectos físicos. Se dá em etapas e inclui escala de valores. É a possibilidade de (para) atingir uma idade plena, com saúde e através do convívio social, ter outra dimensão e poder olhar para tudo o que fazemos, olhando para frente e vendo tudo que podemos fazer.</p>

<p>Participante 24</p> <ul style="list-style-type: none"> • organismo começa degenerar • vamos adquirindo mais experiências • mentalmente podemos ter evolução • depende de pessoa para a pessoa • mente e corpo podem ou não manter-se ativos • envelhecimento é mais na parte física • não faço mais o que fazia quando era jovem • é tolo pensar que podemos fazer as mesmas coisas nas diferentes idades • na experiência de vida tenho mais discernimento • processo natural e gradativo • tenha reconhecimento e respeito • formação das gerações 	<p>O envelhecimento está relacionado a parte física, em que o organismo começa a degenerar, impossibilitando fazer a atividade própria da juventude. No desenvolvimento mental pode haver evolução, em que mente e corpo podem ou não se manter ativos, dependendo de pessoa para pessoa. Inclui aquisição de experiências de perceber o processo como natural e gradativo com maior discernimento, auxiliando na formação de gerações e na conquista de reconhecimento e respeito.</p>
<p>Participante 25</p> <ul style="list-style-type: none"> • fase da idade cronológica • ser humano perde alguns movimentos 	<p>É fase integrante da cronologia do ser humano, que se caracteriza pela perda de alguns movimentos e o</p>

<ul style="list-style-type: none"> • fica com o pensamento comprometido • desgaste das células • enrugamento da pele • perde parte da vitalidade • se prevenir com a saúde • manter qualidade de vida • tudo envelhece • há um desgaste • “cada um colhe o que planta” • funções estão dentro dos parâmetros para minha faixa etária • ter fé e confiança • contar com as pessoas as quais convive • não sinto que o tempo passou • acontecer paulatinamente • de acordo com a natureza de cada um • a qualidade de vida corresponderá ao que vive em cada fase distinta 	<p>comprometimento do pensamento. Há um desgaste das células, perda de parte da vitalidade, enrugamento da pele, havendo desgaste. Tudo envelhece pois são funções que estão dentro dos parâmetros para esta faixa etária. É preciso prevenir com saúde e manter a qualidade de vida, pois a qualidade do envelhecimento está associada a qualidade da vida experienciada. É preciso também ter fé e confiança, contando com as pessoas de convívio, acontecendo paulatinamente de acordo com a natureza de cada um</p>
--	---

Fonte: dados de entrevistas realizadas pela autora

A partir da análise das concepções de envelhecimento dos idosos participantes emergiram as categorias biológica, psicossocial, cultural e educacional, que passam a ser discutidas de forma globalizada as idéias sobre envelhecimento são muito antigas. Desde que o homem conhece-se como homem pensa no envelhecimento.⁶ Mas, muitas vezes o envelhecer foi entendido ou é entendido até hoje, em algumas culturas, como um castigo, algo ruim e/ou com caráter negativo em que é caracterizado por um processo de perda das capacidades físicas, mentais e devido a maior probabilidade de chegar à morte.

Estudiosos que trabalham na área da Gerontologia definem o período de 60 e 65 anos como a idade de início da velhice ou idade de-linear, pois é por volta desta idade que várias mudanças físicas e psicológicas tendem a se manifestar.⁷

Há autores que categorizam adultos mais velhos em idosos jovens e idosos velhos. Entretanto os limites exatos de idade variam.¹² Para alguns o idoso jovem está entre 70 e 75 anos e o idoso velho pessoas com mais de 75 anos, outros consideram os limites 60-80 ou 65-80 ou 65-75 para idosos jovens

Alguns autores⁸ propõem as categorias velhos jovens (60-69) velhos de meia idade (70-79), velhos-velhos (80-89) e velhos muito velhos (90 ou mais). para outro autor¹² estes são sinônimos desnecessários para sexagenários, setuagenários, octogenários, nonagenários e centenários. Outros dividem as pessoas com mais de 65 anos em terceira idade e quarta idade, constituindo a primeira um estilo de vida ativo independente na velhice e a segunda um período de dependência.

Stuart-Hamilton⁷ cita o estudo de DMwinter que verificou que a maioria das pessoas mais velhas (72%) preferiam os termos cidadão *seniors* ou aposentado, enquanto 5% preferiam idoso e 4% pessoas mais velhas enquanto 61% dos mais jovens preferem este último termo. Mas foram encontrados resultados semelhantes¹², embora com diferença menos pronunciada entre os grupos etários. O termo aposentado é questionável, pois pessoas se aposentam antes do 60 anos. Independentemente dos sinais de envelhecimento físico e mentais estes são medidos pela idade biológica e pela idade psicológica respectivamente

⁶ Néri AL. Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papyrus; 2001.

⁷ Stuart-Hamilton I. A Psicologia do Envelhecimento: uma introdução. Porto Alegre: Artmed; 2002.

⁸ Burnside I, Monea HE. Psychosocial caring throughout the life span. New York: McGraw-Hill; 1979.

A idade biológica refere-se ao estado corporal de desenvolvimento/degeneração física, sendo o envelhecimento popularmente caracterizado como um aumento de sabedoria (conhecimento sobre o mundo) e um decréscimo nas faculdades mentais.

Há varias formas de medida da velhice. Não existe um ponto determinado, único, em que a pessoa fica “velha”; e a idade cronológica sempre é uma medida arbitrária e não muito exata, de modo que o uso de um número único para o limiar lhe daria um *status* enganadoramente objetivo.⁹

O envelhecimento é uma experiência singular, cada pessoa na sua individualidade sente e percebe-se conforme seu gênero, raça, classe, religião, enfim, depende de pessoa para pessoa. Os próprios termos variam quanto `a nomenclatura, conforme a preferência das pessoas: idoso, velho, terceira idade, mais velhos, idosos jovens e tardios.

Pedem que os chamem pelo nome e que não usem o “senhor ou senhora”, “senão a idade pesa“ disse a entrevistada 19.

Independentemente de como são rotulados, os sinais de envelhecimento existem e podem ser tanto físicos quanto mentais. Eles são medidos, respectivamente, pela idade biológica e pela idade psicológica.¹⁰ A entrevistada 16, em observação participante, ao se confundir em uma resposta da atividade, alerta: “não dá *bola* para mim, pois a minha idade não ajuda mais minha cabeça” .

O envelhecimento, nos últimos anos, tem apresentado mudanças nas suas concepções. Pesquisas na área da saúde e educação têm nos mostrado quão crescente tem sido os estudos sobre este assunto. Falar sobre envelhecimento logo nos reporta a pessoas, pessoas e suas vidas, suas concepções.

O ciclo da vida humana é uma dinâmica comportamental que cada indivíduo passa fase a fase, na qual não se deve esquecer a concepção de ser humano lembrando de sua constituição e estruturação física e psicológica.¹²

O envelhecimento é singular e esta singularidade depende da influência de circunstâncias histórico-culturais, de fatores intelectuais e de personalidade e de patologias.⁶

⁹ Guimarães GTD. Aspectos da Teoria do Cotidiano: Agnes Heller em Perspectiva. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2002.

¹⁰ Terra NL. Envelhecimento bem-sucedido. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2003.

Pensando nisso, é possível afirmar que o envelhecimento é um processo, uma fase normal do ciclo da vida, sendo necessário passar a entendê-lo e conhecê-lo em seus diferentes aspectos e que este faz parte de uma população que cresce continuamente. Com outras palavras, podemos dizer que o *envelhecimento* é um processo natural e inevitável da vida. Que na realidade, implica em um conjunto de dimensões biológicas, fisiológicas, psicológicas, sócio-culturais, econômicas, educacionais e políticas. As dimensões, evidentemente não ocorrem independentes umas das outras e naturalmente terão suas diferenças conforme os *novos tempos*. O entrevistado 23, percebendo as necessidades da atualidade, comentou:” Nós aposentados, se não soubermos apertar aquelas máquinas eletrônicas que tem ali, é um problema sério. Cartão , lidar com o próprio cartão . Eu acho que tudo isso ai pra nós bastante difícil. Mas não vamos pegar o pior , porque estamos cursando as oficinas de informática.”

O crescente aumento do percentual de idosos na população mundial¹, pôs em evidência a problemática relacionada à velhice, nas mais diversas dimensões, fazendo com que os olhares se voltem para o estudo, pesquisa e busca de alternativas para manter no maior espaço de tempo possível estas pessoas potencialmente produtivas.

A mudança na proporção de pessoas mais velhas na população acaba trazendo problemas econômicos e sociais.¹¹ Aumentando a proporção de adultos mais velhos, por definição, diminui os adultos mais jovens, ditos em princípio como mais produtivos para a sociedade. A razão de dependência na velhice (número de pessoas em idade de aposentadoria dividido pelo número de pessoas em idade produtiva) aumentará de um quinto para um terço até o ano de 2040². No Brasil, não poderia ser diferente, a expectativa de vida aumentou consideravelmente. O que fazer diante deste *quadro*? Seria a inclusão digital uma alternativa para um melhor aproveitamento do tempo de vida? Como os idosos se percebem diante disso?

No início das oficinas de informática, alguns idosos chegam com a concepção de si e de seu envelhecimento semelhante com o que é dito na fala do entrevistado 17: “Olha, sabe de uma coisa, no meu caso por exemplo, eu já estou com uma certa idade. Não aprendi, não vou aprender, a gente ai vai levando, vai escanteando“ . Demonstra um sentimento de incapacidade de aprendizagem devido

¹¹ Papalia D, Olds SW. Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: Artes Médicas; 2003.

à idade. Mas, depois de alguns meses fazendo parte das oficinas de informática, o mesmo idoso falou: “mas tu já começa a conversar com outras pessoas, começa a pedir informações, pega um jornal vai ver o preço dos computadores, os modelos, tudo. Então quer dizer: despertou uma curiosidade que antes não existia.” Verifica-se o quanto é importante ofertar possibilidades para continuidade de seu potencial.

Oferecer ou buscar somente a parte de entretenimento, reduzindo seu mundo ativo às atividades físicas e de lazer, não é a melhor alternativa para valorizar e aproveitar o potencial das pessoas idosas, há que se considerar outras opções de cunho produtivo. A oficina de informática é uma delas, pois abre diversas possibilidades na vida dos idosos.

No livro “Saber Envelhecer”, o autor¹² afirma: “Por certo, os que não obtêm dentro de si os recursos necessários para viver na felicidade acharão execráveis todas as idades da vida. Mas todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza.” Demonstra que a compreensão de envelhecimento é algo natural e que deve ser vivida tranquilamente, com qualidade e vivendo a atualidade.

Um envelhecimento com qualidade é aquele que inclui vida ativa e resistência ante o desengajamento social, que inclui a tendência de contatos sociais menos intensos e freqüentes.⁶

A vida das pessoas é influenciada pelos aspectos anteriormente citados e muitas vezes caracterizam um crescente declínio das funções dos sistemas fisiológicos, comprometendo a saúde e no psicológico a perda na auto-imagem e auto-estima. Estas perdas são significativas devido ao envelhecimento, no sentido de se sentirem inúteis, pouco estimados e respeitados, com isso a sociedade aliena o idoso do processo social e do direito à cidadania.¹⁷

“Reconhecer o individuo portador da condição de longevidade significa identificar nele traços que diferenciam dos demais grupos, bem como aproxima um certo conjunto desses sujeitos. O processo de reconhecimento desse indivíduo implica compreender quem é esse novo ator no cenário da complexidade, demandando- para tanto- seu processo de caracterização”.¹³

No presente estudo, o potencial de idosos para aprendizagem foi citado por 17 dos 25 participantes, constatando-se que os idosos que não

¹² Cícero MT. Saber envelhecer. Porto Alegre: L&PM Pocker; 1997.

¹³ Faleiros VP, Loureiro AML. Desafio do envelhecimento: vez, sentido e voz. Brasília: Universa; 2006.

mencionaram este importante aspecto integram o segundo grupo de entrevistados, dos quais o participante 17 apresenta uma concepção de envelhecimento que enfatiza limitações e outros sete, embora enfatizando limitações do envelhecimento, mencionam a capacidade de se manterem produtivos.

Como os participantes da pesquisa permanecem freqüentando as oficinas de inclusão digital, esta constatação propicia a oportunidade de desenvolvimento de futuras atividades e discussões associadas aos dados coletados em outros projetos desenvolvidos nos grupos (relativos à depressão e memória, por exemplo), buscando-se explicação, compreensão e oferecer condições para evolução na concepção de envelhecimento. “Cada situação de aprendizagem é também oportunidade para fortalecer e elaborar o potencial de aprendizagem [...] aprender pode ser aprendido, entretanto o potencial de aprendizagem não se desenvolve automaticamente”.¹⁴

A aprendizagem acontece a partir de diferentes estratégias cognitivas, envolvendo a descoberta da relevância²⁰, a curiosidade, a intenção e o interesse.

A consciência do desafio implicado na tarefa proposta, cujo conhecimento se pretende seja aprendido, é de grande relevância o que requer a criação de situações em que os próprios aprendentes percebam que possuir ou não os conhecimentos que precisam adquirir constitui uma diferença importante e valiosa.¹⁵

Assim sendo, a motivação para aprender está relacionada à apresentação de tarefas como desafios orientados para o desenvolvimento de capacidades e a oportunidade de percepção do próprio progresso.²¹

A aprendizagem envolve autoconhecimento e autoconsciência²⁰ necessários para que o aprendente possa avaliar a qualidade de suas próprias produções¹⁶

“As pessoas que vivem em ambientes e sociedades diferentes, desenvolvem aspectos diferentes do seu potencial de aprendizagem”²⁰ também influenciadas pelas crenças e valores culturais. Assim, existem culturas em que aprender é para os jovens.

¹⁴ Claxton G. O desafio de aprender ao longo da vida. Porto Alegre: Artmed; 2005.

¹⁵ Alonso Tápia J. Motivar en la escuela. Madrid: Loyola; 2005.

¹⁶ Azevedo e Souza VB. O uso da Internet na construção do conhecimento sobre a área da Gerontologia. Actas da Conferência Ibero-Americana. Madrid: IADIS; 2004.

No presente estudo, permeado por uma cultura em que idoso é muitas vezes concebido como improdutivo, dos 25 idosos participantes da pesquisa, 24 apresentam concepções de envelhecimento que incluem formas de produtividade.

“Quando se está diante do desconhecido a aprendizagem é uma opção. A decisão de aprender ou não pode ser uma decisão elaborada ou pouco consciente”²⁰

Uma forma comum de regressão é não tentar, não buscar novas aprendizagens em razão do significado de fracasso, pois muitas pessoas interpretam como indicativo de falta de competência.

Na presente pesquisa, os idosos não se sentiram intimidados ante a perspectiva de fracasso em razão do preconceito inculcado na cultura que a tecnologia é coisa de jovens. Embora se tenha observado o sentimento pela possibilidade do fracasso e de estragar a máquina, os idosos participantes não desistiram ante a possibilidade de exporem-se à possibilidade da não aprendizagem. Isso significa que traziam a esperança e a convicção que aprenderiam. Alguns participantes, mesmo levando um maior tempo para aprender, principalmente os que não têm computador em casa, foram persistentes confirmando sua disponibilidade e intenção para aprender.

Os idosos percebem a importância da aquisição de conhecimentos de diferentes áreas, buscando a atualização e a produtividade: têm consciência de que possuem papel relevante na sociedade, que é preciso estar receptível a novas propostas.

Entre as conquistas na dimensão educacional, encontra-se o acesso à comunicação, que auxilia no desenvolvimento da aprendizagem, que pressupõe a capacidade de continuar aprendendo e sentir que ainda está vivo e em busca de autoconhecimento.

As transformações sociais e culturais ocorrem a partir de aprendizagens. Entretanto, ainda há poucas iniciativas educativas que contemplem a educação de idosos e sua formação permanente.

Estudos recentes, realizados ^{5, 17, 18} mostram que o idoso tem interesse em aprender a utilizar o computador e outras ferramentas do mundo informatizado, para que possa gerenciar situações do cotidiano.

¹⁷ Ferreira AJ, Concepção de envelhecimento de um idoso autor: Um estudo de caso [dissertação] Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2005.

2 OFICINAS DE INCLUSÃO DIGITAL E COTIDIANO: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Oficinas constituem “espaços” pedagógicos teórico-práticos criados para vivência, reflexão/reconstrução de conhecimento: são espaços em que se aprende fazendo a partir de problematização, investigação, descoberta e cooperação.¹⁹

Oficina é um local de trabalho, de elaboração de algo para ser usado; é uma forma de ensinar e de aprender que exige imaginação; de promoção da combinação do trabalho individual e da tarefa social, visando à aproximação entre teoria e prática, na busca de respostas para problemas da realidade, de indagação e de apropriação do conhecimento.²⁰

A vida cotidiana pode ser compreendida como a vida de todo dia, dos mesmos gestos e ritmos, é ir à escola, ao trabalho, à igreja, é ler o jornal, assistir televisão, etc. A “história é vivida e, em primeira instância, decifrada no cotidiano. (...) de modo algum o cotidiano pode ser confundido com as rotinas e banalidades de todos os dias (...).”²¹ Afirma ainda que os momentos da vida cotidiana e os espaços são no público e no privado.

Os integrantes das oficinas contam sobre seu dia-a-dia profissional e com a família, trazendo como depoimento a apresentação de diferenças no antes e no atual cotidiano vivido por eles. A entrevistada 16, falando do seu cotidiano trouxe um depoimento significativo: “Eu vim aqui pra apagar de uma depressão muito grande. Eu perdi uma pessoa muito querida, que foi o meu esposo. Isso me deixou muito, muito triste. Triste com a vida. E sem ânimo. Então, a partir do momento que comecei a vir aqui, realmente, eu conheci novas pessoas e conhecer as pessoas também nesta faixa etária, que já tiveram dificuldades como todo mundo tem, não é?” Perceber que existem outras pessoas, da mesma faixa etária, que

¹⁸ Wehmeyer COT. O ensino com o uso de recursos informatizados na aprendizagem da língua espanhola por idosos [dissertação] Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2006.

¹⁹ Vieira E. Oficinas de ensino: o quê?, por quê?, como?. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2002.

²⁰ Ander-Egg E. Evaluación de programas de trabajo social. Buenos Aires : Humanitas; 1990.

²¹ Martins JS. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec; 2000.

também tem situações vividas em seu cotidiano, confortou-a de maneira a sentir-se capaz de continuar sua vida na busca de novas perspectivas.

Porém, pensá-lo em “um prisma teórico implica descobrir o incomum no repetido”¹⁵ O *repetido* não ocorre do nada, ele pressupõe uma ação da pessoa sobre determinado objeto. Ou seja, a vida cotidiana, “é a constituição e reprodução do próprio indivíduo e conseqüentemente da própria sociedade”.²²

“O cotidiano revela diversas atividades exercidas sobre um território, onde se desenvolvem as diferentes práticas sociais e suas respectivas socialidades através dos tempos”.²⁸ Não se pode dissociar o cotidiano da história da sociedade, pois os fatos históricos nascem no cotidiano remetem à idéia de repetição, contudo, esse espaço não é só de reprodução, mas de produção, de construção e reconstrução. Obviamente não pode fazer tudo ao mesmo tempo, existe uma seleção, uma escolha que acaba determinando uma escala de valores e por conseqüência de ações. É espaço rico de significados, no qual se pode aprofundar a busca dos desvendamentos de seus enredos. “É na vida cotidiana que a história se desvenda ou se oculta”.²⁷ Um dos principais desafios é a sua própria superação e a dimensão do *não-cotidiano*. O cotidiano é hoje redescoberto como momento de análise da complexidade do dado social, numa perspectiva de que o cotidiano possa ser o espaço onde os processos simbólicos são elaborados e reelaborados na sua interdependência com outros processos simbólicos, o que faz do cotidiano um espaço de compreensão do processo simbólico e das relações de poder envolvidas²⁴.

Podemos perceber esta afirmativa nas entrelinhas das falas que vêm a seguir. Como diz a entrevistada 10: “nós somos importantes e eu me sinto importante em contribuir para este projeto. Nós somos muito mais que alunos aqui neste projeto. Nós estamos contribuindo para as Ciências. A entrevistada 09 complementa: “Eu me sinto tão bem quando eu venho aqui nas aulas que parece..., parece que a gente renova” A entrevistada 10 revelou: “Eu só me interessava por aquilo que eu gostava. Agora, não. Eu, me chama atenção tudo. Isso é muito importante, pra mim.”

²² Heller A. O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1972.

A entrevistada 04 faz questão de falar: “Pra mim o que mudou, foi que rompi uma barreira”, demonstrando sentimento de capacidade, poder de gerenciar situações e auto-domínio.

O entrevistado 11, refletindo sobre o processo de construção de seu conhecimento, suas dificuldades e facilidades na aprendizagem, se deu conta que a cada dia:” Então, vou aprendendo com os outros!

Como concluiu o entrevistado 07: “é uma necessidade humana”, quando conversavam no grupo sobre a importância das relações criadas nas oficinas.

De certa forma foi o que aconteceu com a entrevistada 12 que se deparou com uma situação na qual teve que buscar meios para considerar-se reinserida na vida familiar e social. Cursando a oficina de informática externou: “ Noto que tenho contribuído, inclusive, em conversações, porque a minha família, os meus familiares, todos... Eu tenho, inclusive, um filho que é *tri* esperto nesta parte de informática. Os meus netos e os meus bisnetos. Hoje é a era da informática, então eles já conversam comigo e eu já entendo alguma coisa . Primeiro eu ficava alheia. Eu me sentia muito mal. Então esta minha entrada aqui, foi muito, muito proveitosa.”

O sujeito que faz parte da família, nela se insere pela existência e pela experiência, que é parte da existência.¹² É na sua vivência que aprende com a repetição cotidiana de diversos atos e valores, ao mesmo tempo aprende com a inovação e a ruptura daquilo que se faz presente no dia-a-dia.

Além da relação familiar existem os diferentes grupos de convívio, que no espaço cotidiano poderá ser reconstruído numa teia relacional, em um movimento onde se fazem sempre novas relações sociais. A entrevistada 12 remete-se a importância da: “[...] possibilidade de diálogo com pessoas desconhecidas” A relação de reciprocidade que ocorre vai consolidando os grupos numa troca de sentimentos e de compartilhar emoções entre as pessoas, conforme a fala da entrevistada 09: “Eu acho uma coisa muito importante foi conhecer um grupo de amigos. E a nossa turma parece bem entrosada. Temos comunicação. A gente se encontra. Eu fiquei tão feliz! Que me deu um calor por dentro, uma coisa gostosa.”

“O recurso grupal, através de um processo de reflexão, diálogo, congregação, poderá ser o momento de uma abertura para o processo de conscientização do potencial do sujeito.”¹⁵

É nesta complexa teia da interdependência humana que encontra-se o potencial da existência da transformação, da possibilidade de saída dos emaranhados que a vida proporciona a todos sem discriminação. A idéia implícita nessa concepção de cotidiano é a do indivíduo como sujeito ativo produtor de sentidos.¹⁵

A sociedade está sendo produzida pela e para as pessoas. O aporte fundamental seria ver a vida cotidiana como espaço em que se produz a sociedade e não só onde ela se reproduz. É espaço de vida do ser humano. É onde se desenrolam suas experiências, opções, idéias, sentimentos, capacidade intelectual e criadora.

A constatação de que os critérios de seleção das escolhas cotidianas a serem feitas sofreram alguma modificação tipificam uma característica fundante daquilo que se pretende desenvolver como processo de (dês)construção de um paradigma de desenvolvimento sustentável tido como fator de qualidade de vida por esses novos atores no cenário da (pós)modernidade.¹⁹

Os sentimentos e afetividade que perpassam nos grupos têm grande contribuição para o desenvolvimento das potencialidades e manutenção da busca constante do ser ativo, dinâmico, produtivo. “Nossos sentimentos são nossa reação ao que percebemos através dos sentidos e é através dos sentimentos que nos relacionamos conosco mesmos.”²³ Se não podemos nos relacionar conosco mesmos, não podemos nos comunicar com os outros.

À medida que a pessoa se relaciona consigo e com o outro, que se abre mais em relação aos seus sentimentos, melhor conseguirá interpretar o mundo o qual está experimentando. “Os sentimentos são a maneira como nos percebemos. São nossa reação ao mundo que nos circunda. São a maneira pela qual percebemos que estamos vivos.”³⁰

Sentir também é uma forma de conhecer e interpretar o mundo, o cotidiano, a realidade. Já que “os sentimentos são o ponto de partida para o conhecimento”²⁸ Na manifestação do entrevistado 07, demonstra sua preocupação com a falta de conhecimento da informática e com o sentimento de exclusão que o envolve: “ Na minha vez, quando me aposentei, foi no momento em que a computação passou a predominar, eu me senti despejado da sociedade. Quando comecei com o manejo do computador, me senti reintegrado ao meio social. Hoje,

²³ Viscott DS. A Linguagem dos Sentimentos. São Paulo: Summus Editorial;1982.

o meio social não dispensa o computador. O computador me prejudicou, na época eu estava no topo e, quando chegou o computador, me botou lá numa base. Bem em baixo. Me senti desintegrado. Este dano foi por que caí em conhecimento de computação. Eu preciso registrar que estou aqui dentro.”

Cada pessoa tem seu modo de sentir e cada um pode aprender a lidar com os seus sentimentos da maneira mais eficaz utilizando-os da forma mais sincera possível. “A finalidade de compreender seus sentimentos, permitindo-lhe que fluam até sua natural conclusão, é tornar-se tão aberto e tão livre de sentimentos negativos, de tal forma que você possa tornar seu próprio eu mais elevado, mais criativo e mais produtivo.”³⁰

Considerando que prestar atenção em nossos sentimentos, auxilia na compreensão do mundo que nos circunda, podemos dizer que há grande probabilidade de facilitar as relações em grupo, permitindo melhor desempenho no que se refere à aquisição de conhecimentos. Para a entrevistada 12 seu sentimento de realização está relacionado a busca de conhecimentos: “É a realização de um sonho que eu sempre tive. De poder estar dentro de uma faculdade aumentando o meu conhecimento, embora sendo através da terceira idade, eu estou realizando este meu sonho de muitos e muitos anos atrás. É isso aí.”

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem em suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles.²⁴ Estes autores afirmam: “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.” Este mundo coerente acontece a medida que o homem aproveita suas experiências e interliga seus conhecimentos.

Pensando em suas experiências e percebendo a construção de seu conhecimento, a entrevistada 10 interligou estes dois aspectos, usando o computador como referência: “Pra mim ele veio trazer um entendimento melhor das coisas. Com este avanço que teve, a partir do momento em que eu aprendi a utilizar o computador passei a observar bastante coisa que eu não ligava. E também ajudou a pesquisa.” A entrevistada 03 concorda dizendo: “É abriram caminhos.

²⁴ Berger P, Luckmann T. A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Vozes;1985.

(...) com o conhecimento do computador tu vai descobrindo: como é que eu faço essa coisa.” É neste descobrir e construir, que as experiências vão acumulando e as conexões se transformando em conhecimento.

A acumulação das experiências do indivíduo, forma um *acervo social do conhecimento* o qual será utilizado na sua relação com os outros. Além disso, este *acervo social do conhecimento* será transmitido de geração para geração e utilizado pelo indivíduo na sua vida cotidiana.³¹

Segundo estes autores, “O conhecimento do senso comum é o conhecimento que se partilha com os outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana.” O entrevistado 11 disse: “Antes eu não tinha com quem discutir, aqui eu tenho. E o que eu aprendi lendo, não encaixava bem. Aqui, na prática, com outras pessoas, com os monitores, adquiri maiores conhecimentos em computação. Inclusive na parte escrita e na parte da Internet”

O conhecimento da vida cotidiana estrutura-se em termos de convivências, entre diferentes tipos de indivíduos. É verdade que não partilhamos nossos conhecimentos com todos os semelhantes e pode haver algum conhecimento que não partilhamos com ninguém. Podemos dizer também que compartilhar conhecimentos familiares é diferente de partilhar conhecimentos profissionais. Por tanto, na vida cotidiana é possível detectar os diferentes tipos de conhecimentos e como e com quem devem ser aplicados ou não.

Assim, na maior parte do tempo, os encontros com os outros na vida cotidiana são típicos em duplo sentido, apreende-se o outro como o tipo, e interatua-se com ele numa situação que é por si mesma típica.”³¹

A participação no *acervo social do conhecimento* permite assim a “localização” dos indivíduos na sociedade e o “manejo” deles de maneira apropriada para partilhar e ampliar os conhecimentos.

O conhecimento da vida cotidiana tem a qualidade de um instrumento que abre caminho através de uma floresta e enquanto faz isso projeta um estreito cone de luz sobre aquilo que está situado logo adiante e imediatamente ao redor, enquanto em todos os lados do caminho continua a haver escuridão.³¹

A compreensão da linguagem é por isso essencial para entender a realidade de vida cotidiana. A linguagem estabelece pontes entre diferentes zonas dentro da realidade da vida cotidiana e as integra em uma totalidade dotada de

sentido. “A vida cotidiana é sobretudo a vida com a linguagem e por meio dela, de que participa-se com os semelhantes.”³¹

Depoimentos como do entrevistado 23 realmente são preocupantes na sociedade atual: “Eu fui bancário, mas vejo dificuldades. Desde o tempo que eu exercia a profissão e agora, eu vou em determinadas agências, no dia de pagamento para aposentados é um caos, porque não sabem acessar o caixa eletrônico, então tem que ter um monitor ali do lado. A pessoa tem que dizer a senha para monitor. Quer dizer, se tem um espertalhão do lado, ouve a senha, já gera outro problema sério. Quer dizer então, que as pessoas têm que se conscientizar e seguir no mundo virtual.”

“A interação com a tecnologia abre um leque de múltiplas e caleidoscópicas imagens, provenientes das diversas experiências e singulares expressões”². É uma nova realidade que o idoso assume para si, podendo colocar-se no papel mais participativo, introduzido num mundo digital, dando novo sentido a essa fase de sua vida.

Com a participação nas oficinas de informática, a entrevistada 03, notou diferenças no seu cotidiano: “Trouxe contribuição em casa, se eu tenho que fazer as minhas despesas, o que eu tenho que gastar, eu sento no computador e faço tudo o que eu tenho, o que não tenho, o que devo, o que não devo e puxo aquela fórmula, quando eu vejo: aí já está pronto. Ensinei meu marido, ensinei minha filha. Se ela tem alguma coisa, uma viagem, alguma coisa pra fazer, vai lá na planilhazinha, sobe não sobe...”

A entrevistada 09 também manifestou a contribuição que o uso do computador trouxe para seu cotidiano: “Tu queres saber alguma coisa, algum curso que vai ter, algum evento, tu entra lá, busca mais informações. Por exemplo pra fazer Imposto de Renda. Eu acho ótimo isso!”

A inclusão digital aumenta a possibilidade de se aproximar mais dos filhos e netos devido a necessidade dos novos tempos. Inclusive podem aprender mais sobre assuntos que geralmente são de seu interesse.

Assim, temos “a informática como uma possibilidade de reconstrução da identidade do idoso, de sua inclusão e de sua projeção para o futuro”²⁵ o que há poucos anos não era nem cogitado, principalmente pensar em futuro para idoso.

²⁵ Arantes RP. Velho com novo olhar: a informática redimensionando as relações. [dissertação] São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.

Mas, o computador é com certeza um recurso que serve de apoio, veio e está aí, para beneficiar o homem. Ajuda a afastar a idéia de que o idoso só sabe falar do passado, a desaparecer obstáculos para a aprendizagem que são vistos em função da questão cronológica e possibilita o idoso a construir idéias, a produzir e a transformar.

Há de se considerar depoimentos como o da entrevistada 10: “E o meu cotidiano com o computador, ele.... Eu escrevo muito, então ele realmente pra mim foi ótimo pra isso. Para escrever. E eu comecei a compreender a máquina, entender a máquina. Eu mexo nela com segurança e achei também que ela ficou muito vagarosa, porque eu tenho uma 2000 e hoje eu quero uma mais ligeirinha. Aqui é mais rápida. Eu achei interessante. Agora, a agilidade nos dedos, mudou alguma coisa no físico, isso sim. Na atenção e através desta informática aí que todo dia eu tenho prestado atenção. E isso é devido ao curso, aqui. Eu realmente, me chama atenção.” De um simples ato de escrever, com o recurso atualizado, passou a ver novas possibilidades, a sentir o prazer e motivação no seu fazer.

O aprendiz idoso pode mostrar-se com suas próprias palavras e imagens, desconstruir preconceitos, demonstrar potencialidades para aprender e produzir intelectualmente. Assim, na expansão dos sonhos e sentimentos por meio da escrita eletrônica, contar um pouco do muito que aprendeu e aprende, nas diferentes histórias vividas.

Há muito a aprender sobre o envelhecimento, muito a estudar e pesquisar. As pessoas que atingem a longevidade desejam qualidade nesta longevidade e o melhor aproveitamento possível dos anos de vida que a acompanharão. É notória a busca que as pessoas idosas vêm traçando para se manter em atividade e o caminho que percorrem para acompanhar a evolução da sociedade que ainda as marginaliza.

Pessoas do século XX, querendo sobreviver no século XXI, onde os desafios são constantes e a tecnologia avança de forma quase assustadora, oscilando a economia o que deixa as pessoas, cada vez mais, sem saber se conseguirão sustentar a si e a família por mais tempo. Faz-se necessário estar a frente dos novos tempos, evitar a dependência e aumentar a possibilidade de subsistência e de inserção social.

Estas razões fazem buscar meios de acolher, incluir e manter incluídos e ativos idosos na sociedade, bem como, auxiliá-los na sua inclusão digital.

Nas concepções de cotidiano, apresentadas neste referencial, inclui o conhecimento das tecnologias, os recursos informatizados, o mundo digital que faz parte de nossa sociedade.

A CONTRIBUIÇÃO DA INCLUSÃO DIGITAL NA VIDA COTIDIANA DO IDOSO

Mestranda Vivian Patrícia Caberlon Nunes

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ Instituto de Geriatria e Gerontologia
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar HSL
90610-000 - Porto Alegre - RS - Brasil
vivian.caberlon@pucrs.br*

Dr^a Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ Instituto de Geriatria e Gerontologia
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar HSL
90610-000 - Porto Alegre - RS - Brasil
valde@pucrs.br*

RESUMO

A necessidade do uso dos recursos da Informática vem crescendo diariamente de forma contínua e rápida. A linguagem da informática e o conhecimento sobre o computador passaram a ser símbolos da cultura contemporânea, independentemente da área de especialização e de faixa etária, influenciando na auto-valorização e no desenvolvimento de uma nova cidadania - social e solidária -. A pesquisa realizada teve como objetivo analisar a percepção de idosos sob a contribuição da inclusão digital em sua vida cotidiana e a mudança ocorrida em suas concepções de envelhecimento, após freqüentarem oficinas pedagógicas de inclusão digital, assumindo-se uma concepção de cotidiano construída a partir da complementaridade das idéias de Morin, (1998, 1999), Heller (1987), Stuart (2002) e Luckman e Berger (1987) em que fica evidente a importância das relações de autonomia/dependência na construção do sujeito/indivíduo e de sua relação com o mundo e a tecnologia. Nos estudos de Kachar (2003), Azevedo e Souza et al (2002 e 2004), Garcia e Lentini (2002), Garcia, Lentini e Gennaro (2002) e Diáz (2001) encontrou-se argumentos que corroboram a presença de potencial de constante aprendizagem em idosos e conseqüente inclusão digital. O estudo foi desenvolvido numa abordagem qualitativa/dialógica. Os dados foram coletados junto a 24 idosos que freqüentam há 6 meses oficinas pedagógicas de alfabetização digital, realizadas duas vezes por semana, com duração de uma hora, sob a coordenação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Conceção de Envelhecimento do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica do Instituto de Geriatria e Gerontologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Durante o desenvolvimento das oficinas os idosos participavam nas segundas-feiras de atividades de língua espanhola e nas quartas-feiras de atividades que incluíam a aprendizagem do Word, Powerpoint e WWW/Internet, que foram aplicadas na elaboração de apresentações sobre envelhecimento em PowerPoint e na construção de homepage pelos idosos. Os dados foram coletados por observação participante e por entrevista coletiva, utilizando-se os princípios da dialógica de Morin (recursivo, hologramático e dialógico) na análise da realidade. A análise dos dados compreendeu: leitura exploratória global dos registros das observações participantes e das transcrições das entrevistas; leitura detalhada de cada material coletado; organização do material por unidades contextuais; identificação das unidades de significados e classificação em dimensões. Como principais contribuições da inclusão digital foi identificado que a experiência vivida nas oficinas pedagógicas é uma possibilidade de reconstrução da identidade do idoso como cidadão do mundo, como possuidor de capacidade para aprendizagem contínua e para lidar com situações e desafios diários relacionados ao uso da tecnologia, dando suporte para a reconstrução do conhecimento e a comunicação. Verificou-se que a inclusão digital contribuiu na capacitação de idosos para utilização de recursos informatizados (Word, PowerPoint, WWW/Internet), na produção intelectual (construção de materiais instrucionais sobre envelhecimento); auxiliou na sua integração com a família; na atualização da linguagem e na comunicação com o mundo, principalmente pelo reconhecimento do potencial do idoso para a aprendizagem da tecnologia e de uma nova linguagem, até então concebidas como prerrogativas dos mais jovens. O envelhecimento, constituindo tema transversal dos materiais instrucionais elaborados pelos idosos nas oficinas pedagógicas, possibilitou aos idosos perceberem que este processo é constituído de diferentes dimensões, indo além da biológica, o que possibilitou tecer e compreender a “arquitetura complexa” do fenômeno envelhecimento ao reconhecerem a presença das dimensões psicológica, social, cultural e educacional.

PALAVRA-CHAVES:

Contribuição, inclusão digital, cotidiano, idosos, concepção de envelhecimento

1. INTRODUÇÃO

A palavra cotidiano vem do latim *cotidie* ou *cotidianus*, significando o dia-a-dia, o comum, o habitual. Porém, não se reduz aos usos e costumes ou ao rotineiro. A história vivida é decifrada no cotidiano e não pode ser banalizada, confundindo-se com as rotinas. Refletir sobre a vida cotidiana implica descobrir o incomum no comum, o comum no incomum.

O cotidiano contribui na constituição/reprodução/transformação do sujeito/individuo e dos grupos nos quais se insere e, conseqüentemente, na própria sociedade que, ao transformá-los, transforma-se e é por eles transformada: mesmo um olhar individualizado precisa pensar o sujeito/individuo de forma contextualizada, pois a vida cotidiana inclui conviver e relacionar-se com outras pessoas e com o ambiente. Os seres humanos vivem numa rede complexa de relações, sendo uns dependentes de outros.

Após o nascimento convive-se com a emergência da presença do outro para a construção do eu. E este eu é estruturado, construído/reconstruído na vida social, sendo a noção de sujeito/individuo fortalecida e consolidada no decorrer da existência. O sujeito se insere/é inserido na família, no mundo.

No dia-a-dia ocorrem aprendizagens com a reprodução cotidiana de pensamentos, atos, sentimentos e valores, ao mesmo tempo em que há aprendizagens com a inovação e a ruptura com o conhecimento anterior.

A rede de relações se estabelece além do ambiente familiar, nos diferentes grupos de convívio, permeados por crenças, convicções, mitos, tabus que auxiliam na reconstrução da teia relacional, em movimentos recursivos em que são tecidas novas relações sociais. É nesta complexa teia da interdependência humana que se encontra o potencial de transformação/reprodução/avanço/regressão, da possibilidade/limitação de construção de estratégias frente aos desafios que a vida proporciona e, entre estes, educar/educar-se/ser educado para um uso construtivo da tecnologia.

Até o início da última década do século XX, ser analfabeto em informática era uma situação comum nas diversas faixas etárias. Entretanto, a partir do momento que os recursos informatizados passaram a fazer parte do dia-a-dia, nos mais diversos setores da sociedade ocorreram transformações nos aspectos econômicos e sociais, questionando valores e comportamentos o que gerou avanço e inovação, desconforto e sentimento de menos valia nas pessoas que permaneciam alijadas ao progresso (Kachar, 2003).

No final século XX, a informática, a grande parceira no desenvolvimento da linguagem, passou a permitir a exploração de distintas formas de comunicação verbal (fala, escrita, gestos) e a revalorização da comunicação não-verbal (icônica). Sua importância foi sendo ampliada à medida que passou a ser incorporada no cotidiano.

A utilização do computador e a busca de domínio da informática foram crescendo diariamente de forma contínua e rápida. A linguagem da informática e o conhecimento sobre o computador passaram a ser símbolos da cultura contemporânea, atualizada e inclusiva. Sua penetração na sociedade inicialmente era restrita aos profissionais especializados. Hoje, seu uso independe de área de especialização e de faixa etária, influenciando na auto-valorização, auto-imagem e conseqüentemente, na auto-estima de idosos (Papalia, 2003).

A tese que sustentou a realização da presente pesquisa afirmava que programas educativos destinados a idosos com o suporte de novas tecnologias, convocando para uma interação pedagógica motivacional diferenciada, precisam potencializar o direito à diferença, afirmando identidades ao mesmo tempo em que se ocupam com o desenvolvimento intelectual, articulando uma nova cidadania (social e solidária), a partir da contextualização e problematização do cotidiano.

2. DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO E SEU REFERENCIAL

Na contemporaneidade, é cada vez mais premente a demanda por novos conhecimentos, saberes e habilidades (Poço, 2002). A aprendizagem mediada pelo uso de recursos informatizados, vista como capacidade de adquirir/reconstruir/incorporar a cultura, amplia horizontes ao instituir a consciência de que os saberes são provisórios, parciais e que, pela reflexão, podem levar à substituição de verdades absolutas pela contínua reconstrução e integração de novos conhecimentos (POZO, 2002). Talvez este seja um dos grandes desafios principalmente para as pessoas idosas, cuja orientação paradigmática encaminha para uma concepção de aprendizagem associada somente à memorização.

Na pesquisa realizada, com o objetivo de analisar a percepção de idosos sob a contribuição da inclusão digital em sua vida cotidiana e a mudança ocorrida em suas concepções de envelhecimento após freqüentarem oficinas pedagógicas de inclusão digital, assume-se uma concepção de cotidiano construída a partir da complementaridade das idéias de Morin, (1998, 1999), Heller (1987), Stuart (2002) e Luckman e Berger (1987) em que fica evidente a importância das relações de autonomia/dependência na construção do sujeito/individuo e de sua relação com o mundo e a tecnologia. Nos estudos de Kachar (2003), Azevedo e Souza et al (2002 e 2004), Garcia e Lentini (2002), Garcia, Lentini e Gennaro (2002), Diáz (2001) encontrou-se argumentos que corroboram a presença de potencial de constante aprendizagem em idosos e conseqüente inclusão digital.

2.1 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa/dialógica tendo como objetivo principal analisar a contribuição da inclusão digital no cotidiano de 24 idosos que freqüentam a 6 meses oficinas pedagógicas de alfabetização digital, realizadas duas vezes por semana, com duração de uma hora, sob a coordenação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Concepção de Envelhecimento do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica do Instituto de Geriatria e Gerontologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Durante o desenvolvimento das oficinas os idosos participavam nas segundas-feiras de atividades de língua espanhola e nas quartas-feiras de atividades que incluíam a aprendizagem do Word, *Powerpoint* e WWW/Internet que encontraram aplicação na elaboração de apresentações sobre envelhecimento em PowerPoint e na construção de *homepage* pelos idosos.

Os dados foram coletados por observação participante e por entrevista coletiva, utilizando-se os princípios da dialógica de Morin (recursivo, hologramático e dialógico) na análise da realidade.

Como critérios de cientificidade foram utilizados os propostos por Bauer e Gaskell (2001):

- a) a triangulação entre dados oriundos da observação participante e das entrevistas;
- b) a clareza na descrição dos procedimentos;
- c) a construção do *corpus* o que permitiu uma coleta sistemática de dados, numa amostra cujo tamanho foi delimitado por evidências de saturação (quando os discursos não trouxeram mais novidade) o que permitiu a generalização analítica (a partir da discussão teórica);
- d) a descrição detalhada dos dados, comprovando-se como surgiram generalizações analíticas e as interpretações, fornecendo-se a linguagem e os indícios do próprio material qualitativo coletado, dando credibilidade aos resultados;
- e) a clareza na compreensão/explicação da realidade a partir das discussões realizadas sobre os dados coletados na observação participante nas reuniões semanais dos pesquisadores que integram o grupo de pesquisa, contextualizando os resultados em relação a aspectos psicossocioculturais e paradigmáticos.

A análise dos dados compreendeu os seguintes movimentos:

- a) leitura exploratória global dos registros das observações participantes e das transcrições das entrevistas;
- b) leitura detalhada de cada material coletado;
- c) organização do material por unidades contextuais;
- d) identificação das unidades de significados e classificação em dimensões;
- e) identificação de contradições;
- f) síntese dos resultados.

2.2 Resultados e discussão teórica

A partir da análise da realidade verificou-se que a inclusão digital contribuiu na capacitação de idosos para utilização de recursos informatizados (Word, PowerPoint, WWW/Internet), na produção intelectual (construção de materiais instrucionais sobre envelhecimento); auxiliou na sua integração com a família; na atualização da linguagem e na comunicação com o mundo. A inclusão digital possibilitou uma maior aproximação e comunicação com os filhos e netos, principalmente pelo reconhecimento do potencial do idoso para a aprendizagem da tecnologia e de uma nova linguagem, até então concebidas como prerrogativas dos mais jovens.

Esta constatação foi realizada a partir da análise de depoimentos dos idosos sobre suas expectativas iniciais em relação a própria aprendizagem, registrados em dissertações de Mestrado recentemente concluídas (Jackle, 2005; Glock, 2005 e Wehmeier, 2006) e da concepção de envelhecimento explicitada ao final dos 6 meses de participação nas oficinas.

Dos vinte e quatro idosos (25), um (1) afirmou não perceber uma importante contribuição da inclusão digital em seu cotidiano. Entretanto, pela observação participante percebeu-se que houve um avanço no relacionamento destes dois idosos com os demais participantes. Inicialmente apresentavam dificuldade para se relacionarem com os demais idosos. Após seis meses percebeu-se sua integração no grupo, participando ativamente nos momentos de discussão e orientação coletiva.

Entre as razões que levaram os idosos a participarem das oficinas pedagógicas encontram-se a busca de novas aprendizagens e de inserção nos benefícios de avanços da contemporaneidade. Um dos idosos participante da pesquisa afirmou ter sido surpreendido ao ouvir alguém afirmar: “quem não sabe usar o computador será um analfabeto”. Relata que começou a pensar sobre a veracidade da afirmação, tendo comentado: “Tudo o que se fala hoje em dia em algum momento está ligado com a informática. Comecei a pensar o que seria este contexto... Eu não tinha a noção que poderia ser considerado analfabeto futuramente. Já no presente a gente se depara com certas situações em que se tem que saber digitar alguma coisa, principalmente no Banco” (agência bancária).

Outro participante afirmou “ Eu entrei aqui completamente alheia e sem saber absolutamente nada de nada, o que era a informática. E vim por aquele desejo de aprender, de saber mais alguma coisa, porque eu continuo dizendo que nunca é tarde para se aprender. Eu, como não sabia nada, ficava ali com a minha cabecinha funcionando pra ver se conseguia guardar, tanto que eu tenho um caderno. O que um dos nossos monitores dizia eu escrevia rapidinho, para poder gravar. Tive momentos de bastante preocupação, se eu ia vencer a tarefa ou não . Agora estou achando muito proveitoso. Eu acho inclusive que estou mais familiarizada. Os monitores quando nós reiniciamos as oficinas, fizeram todo um retrospecto para ver em que ponto nós estávamos. Eu achei isso uma atitude de muita atenção pra nós,(...).

Neste trecho de relato percebe-se a motivação implícita no desafio enfrentado pela idosa ao decidir por sua inclusão no mundo digital, predispondo-se para a busca de conhecimentos culturalmente considerados relevantes e úteis.

Por tratar-se de oficinas pedagógicas desenvolvidas numa concepção acadêmica, as atividades foram realizadas sob uma das teses de Pozo (2002, p.45): “a cultura da aprendizagem direcionada para reproduzir saberes previamente estabelecidos deve dar passagem a uma cultura da compreensão, da análise crítica, da reflexão sobre o que fazemos e acreditamos (...) para compreender e dar sentido ao conhecimento, duvidando dele”.

Aprender pode significar coisas distintas dependendo das necessidades culturais: “em toda atividade humana se está produzindo aprendizagem em maior ou menor dose.” A idéia é que aprender implica reconstruir conhecimentos e comportamentos anteriores. Ou seja, “a aprendizagem é concebida precisamente como uma reestruturação dos conhecimentos e comportamentos presentes no aprendiz” (Pozo, 2002). Aprender implica desaprender para reaprender a aprender (Morin, 1999) .

Partindo-se da reflexão de que toda aprendizagem implica mudança, mas nem todas mudanças são de mesma natureza, nem de mesma intensidade ou duração, é possível afirmar que há formas diferentes de desaprender. Seria a aprendizagem das novas tecnologias uma delas?

As mudanças baseadas na reconstrução dos comportamentos e do conhecimento, vinculadas à aprendizagem construtiva, têm características peculiares. Seu efeito não é substituir, mas integrar o comportamento ou a idéia numa nova estrutura de conhecimento. A aprendizagem está associada à descoberta e à exploração curiosa do mundo, produzindo conhecimento por reconstrução do conhecimento já sistematizado; é um sistema complexo composto por subsistemas que interagem entre si: os resultados da aprendizagem (o que se aprende), os processos (como se aprende) e as condições práticas (em que se aprende) (Pozo, 2002).

Idosos integrantes das oficinas pedagógicas revelam que não gostam de ser chamados de velhos, preferem o termo terceira idade, melhor idade ou estar/ser idoso.

Segundo Kachar (2003), o declínio de algumas atividades não inviabiliza a apropriação e o domínio do recurso tecnológico, mas exige um contexto educacional que atenda às condições de aprender sobre a máquina e por meio dela explorar outras possibilidades de desenvolvimento.

O processo de envelhecimento, está associado a alterações biológicas, a questões sociais, psicológicas, culturais e educacionais. O envelhecimento é uma experiência singular, em que cada pessoa, na sua individualidade, sente e percebe-se idoso de forma diferenciada.

Entre as principais contribuições que a inclusão digital trouxe, encontra-se a relatada por um dos participantes: “o conhecimento da informática na vida trouxe entrosamento, entusiasmo e eles (familiares) me telefonam para saber como é que eu vou no trabalho. Inclusive os meus bisnetos. Eu encontrei com eles ontem e a primeira coisa foi que ela (bisneta) me abraçou e perguntou: o teu computador, bisa, como é que vai? Sabe, o interesse. E ela tem 9 anos. Então eu achei isso válido. Por que, assim, embora a distância, convivendo comigo neste aspecto me dá tanta satisfação. Eles reclamaram e agora ficam radiantes. Há muito tempo, quando ela era menorzinha, um dia ela me falou do computador e perguntou se eu tinha e se eu sabia ligar o computador. Eu respondi: Não, meu amor, a bisa não sabe. E ela respondeu: ‘Bisa, tu é da idade da pedra. Esta foi uma das razões que me motivou mais ainda. Eu disse: Vou mostrar pra ela que não há idade da pedra atualmente. Que hoje em dia há progresso. É valorizar o nosso interior, o nosso intelecto também. “

A inserção no mundo digital, entre as diversas possibilidades que oferece, auxilia na expansão dos sonhos e sentimentos mais valia, que vai se desenvolvendo à medida que os idosos passam a perceber a reação de seus familiares e amigos em relação à sua capacidade de aprender a usar os recursos informatizados.

No presente estudo constatou-se mudança na concepção de envelhecimento dos idosos: de uma concepção de envelhecimento em que apenas a dimensão biológica era enfatizada, os idosos evoluíram para uma concepção em que se fizeram presentes as dimensões social, psicológica, cultural e educacional, aproximando-se da concepção hoje preconizada pelos teóricos da área da Gerontologia..

Pesquisas realizadas sobre concepção de envelhecimento de idosos (Azevedo e Souza e Luzzi, 2004; Azevedo e Souza et al, 2005; Jackle, 2005 e Glock, 2005) têm mostrado que inicialmente é comum a demonstração de um sentimento de incapacidade de aprendizagem atribuído à idade, que vai diminuindo à medida que percebem sua capacidade para aprender.

Nesta direção, uma das participantes da pesquisa comentou: “Quando a gente começa a aprender, vê tantas possibilidades que já começa a gostar dele (do computador), a ver a possibilidade enorme. Agora a gente quer muito mais do que quando não tinha o computador.”

Após alguns meses como participantes das oficinas pedagógicas, os idosos falaram sobre o início, das novas relações, da busca de informações sobre o computador, demonstrando motivação, curiosidade e capacidade para aprender. Verificou-se o quanto é relevante oferecer a oportunidade de continuidade nas oficinas após a conclusão do tempo de inclusão previsto. A possibilidade de não permanecerem participando das oficinas era motivo de preocupação. A inclusão digital não se limita a meros seis meses. Precisa ter continuidade para que realmente seja incorporada no cotidiano.

A vida cotidiana não se reduz a “casa e quarto”, ao “rotineiro e repetitivo”, não podendo ser o cotidiano confundido com as rotinas e banalidades de todos os dias (Martins, 2000). O desafio do cotidiano está na superação do próprio cotidiano (Guimarães, 2000) e essa superação inclui o não-cotidiano, que de certa forma revela desafios ao cotidiano.

A idéia implícita na concepção de cotidiano é a sujeito/individuo produtor de sentidos (Guimarães, 2002). É espaço de vida do ser humano; é onde se desenrolam experiências, opções, idéias, sentimentos, capacidade intelectual e criadora. Os sentimentos são a reação ao que é percebido através dos sentidos e é através dos sentimentos que se dão as relações consigo mesmo e com o mundo (Viscott, 1982). Sentir também é uma forma de conhecer e interpretar o mundo, o cotidiano, a realidade; os sentimentos são pontos de partida para o conhecimento (Heller, 1993).

A falta de conhecimento sobre o mundo digital envolve os idosos num sentimento de exclusão (Kachar, 2003). Considerando-se que prestar atenção aos próprios sentimentos auxilia na compreensão do mundo circundante, pode-se afirmar que os idosos que buscaram as oficinas pedagógicas de inclusão digital foram movidos também pela escuta do sentimento de não pertencer/querer pertencer à contemporaneidade.

O “domínio” da informática, o conhecimento desta linguagem, é um caminho a ser explorado, não apenas para auxiliar os idosos em seus afazeres cotidianos ou para ocupar o tempo ocioso, mas principalmente para que os idosos sentam-se produtivos e valorizados, sendo incentivados na busca de novas aprendizagens.

3. CONCLUSÕES

A experiência vivida nas oficinas pedagógicas de inclusão digital constitui uma possibilidade de reconstrução da identidade do idoso como cidadão do mundo, com capacidade para aprendizagem contínua e para lidar com situações e desafios diários relacionados ao uso da tecnologia, dando suporte para a reconstrução do conhecimento, a produção intelectual, a comunicação.

O rompimento com atividades de inclusão digital para idosos que reforçam a discriminação, reivindicando-se uma abordagem reflexiva e crítica, é o posicionamento assumido na presente pesquisa.

Neste sentido, o envelhecimento, constituindo tema transversal dos materiais instrucionais elaborados pelos idosos nas oficinas pedagógicas, possibilitou aos idosos perceberem que este processo é constituído de diferentes dimensões, indo além da biológica, o que possibilitou tecer e compreender a “arquitetura complexa” do fenômeno envelhecimento.

A proposta pedagógica interdisciplinar das oficinas precisou ser constituída/reconstituída durante o percurso, a partir das interações entre as áreas de conhecimento envolvidas. Participaram como ensinantes nestas oficinas profissionais pertencentes às áreas da Psicologia, Pedagogia, Letras (espanhol), Fisioterapia e Gerontologia. Assim sendo, a proposta pedagógica dependia, na sua própria existência, do tema transversal – envelhecimento – o que auxiliou no aprofundamento do conhecimento sobre a problemática vivida pelos idosos em seu cotidiano.

Assumiu-se nas oficinas o comprometimento com ações que favorecessem a consecução da transversalidade. Nestas situações de convívio interprofissional, como interdisciplinadores”, ocorreram situações em que foi preciso improvisar, a partir de uma reflexão-na-ação fluente e integrada, proposta por Schön (2000). Cada integrante, escutando a si mesmo e aos outros, percebia a direção que as ações estavam tomando o que viabilizou ajustamentos: idéias passaram a ser discutidas e assumidas, elaboradas e transformadas.

Cada profissional envolvido ao expor seus argumentos contribuiu para a unidade de objetivos que deu ao planejamento a característica de uma ordem previsível. Ocorreram variações do surgimento da oportunidade de combinar e recombinar idéias, dentro de uma configuração que deu coerência às ações. À medida que os profissionais envolvidos conseguiam perceber os resultados das ações interdisciplinares, fortaleciam sua motivação para aprender a trabalhar com idosos e deixarem-se surpreender com a superação das limitações iniciais por parte dos idosos.

A partir dos resultados encontrados na presente pesquisa, é possível afirmar que a inclusão digital de idosos contribui para uma maior valorização social e a reinserção como cidadão contemporâneo com capacidade de integração aos novos tempos, numa concepção em que não basta aprender a ligar, desligar o computador,

apertar botões e teclas, aprender a acessar caixas eletrônicas. Isto é muito pouco para pessoas que têm muito a oferecer e desenvolver. É preciso oferecer espaço para que os idosos vivam experiências em ambientes universitários, permeados pela criticidade e a criatividade, onde possam perceber-se/serem percebidos como produtivos intelectualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO E SOUZA, Valdemarina Bidone de e LUZZI, Lérida Zuccarelli. L'interdépendance entre l'imaginaire social et la conception de l'humain. In: XVII Congrès international de sociologues de Langue Française, 2004, Tours/França L'individu social: autres réalités, autre sociologie?. Tours: AISFL, 2004.v.1. p181.
- _____. et al. Impacto da www/Internet na aprendizagem de idosos. Actas da Conferência Ibero-Americana/Madrid. IADIS, 2005a, p 344-351.
- _____. et al. O uso da internet na construção do conhecimento sobre a área da Gerontologia. Actas da Conferência Ibero-Americana/Madrid. IADIS, 2004b, p 546-549.
- _____. O ensino sobre o envelhecimento: o des-saber o que sabe, o reaprender a aprender. In: Annual Bulletin of the TALIS, Bulletin annuel du Réseau TALIS. Canadá: University of Saskatchewan, 2002, p.93-98.
- BAUER, Martin e GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. – A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento – trad. Floriano de S. Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1985.
- DI GENNARO M. e LENTINI, D. Recuperando la subjetividad en la vejez. Annual Bulletin of the TALIS, Bulletin annuel du Réseau TALIS. Canadá: University of Saskatchewan, 2002, p.225-230.
- DIÁZ, M. La reestructuración de las funciones de formación de los mayores con el soporte de las nuevas tecnologías. Annual Bulletin of the TALIS, Bulletin annuel du Réseau TALIS. Canadá: University of Saskatchewan, 2001, p.83-91.
- GARCIA O, LENTINI D e DI GENNARO M. Productividad intelectual y proyección social de los alumnos adultos mayores de la Universidad Nacional de San Luis. In: Annual Bulletin of the TALIS, Bulletin annuel du Réseau TALIS. Canadá: University of Saskatchewan, 2002, p.189-198.
- GUIMARÃES, Gleny T. D.(org.)- Aspectos da Teoria do Cotidiano: Agnes Heller em Perspectiva - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- HELLER, A. O Cotidiano e a História . Rio de Janeiro: Paz e Terra., 1972.
- imagem e som: Um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2001
- KACHAR, Vitória. Terceira Idade & Informática - Aprender revelando potencialidades-São Paulo: Cortez, 2003.
- MARTINS, J. S.. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MORIN, Edgar. O Método 4. As idéias. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- _____. O Método 3. O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina; 1999.
- PAPALIA, Diane, E., OLDS, Sally Wendkos. Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003 , 7ª edição.
- POZO, Juan Ignacio- Aprendizes e Mestres: A nova cultura da aprendizagem – trad. Ernani Rosa-Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- SCHÖN, Donald. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: ARTMED, 2000
- STUART- Hamilton, Ian – A Psicologia do Envelhecimento: uma introdução – Porto Alegre: Artmed, 2002.
- VISCOTT, David Steven – A Linguagem dos Sentimentos – trad. Luiz Roberto S.S. Malta – São Paulo: Summus Editorial, 1982.

IDÉIAS CONCLUSIVAS

Na pesquisa realizada, através de observação participante e de entrevistas feitas com os idosos integrantes das Oficinas Pedagógicas de Inclusão Digital, após desenvolver a análise e triangulação dos dados, é possível afirmar que os idosos apresentam uma concepção de envelhecimento em processo de reelaboração: a análise de suas entrevistas iniciais (Projeto Matriz) revelavam concepções associadas essencialmente à dimensão biológica enquanto os resultados da presente pesquisa indicam uma concepção na qual aparecem, além da dimensão biológica, a social, a psicológica, a cultural e a educacional, aproximando-se da concepção hoje preconizada pelos teóricos da área da Gerontologia.

Idosos participantes, ao fazerem referência ao seu cotidiano e experiências mais recentes, trazem a concepção de que o envelhecimento é um estágio produtivo, de descobertas e possibilidades de uma vida mais aproveitada, com menos trabalho e novas descobertas. Já não percebem seu cotidiano como algo repetitivo, mas em movimento, crescimento, desenvolvimento (aprendizagem/conhecimento), percebendo-se na dinâmica da vida em que a inclusão digital possibilita o gerenciamento de rotinas, o acesso ao conhecimento e a comunicação com a família e com os jovens o que permite sentir-se integrado/reintegrado no meio de convívio e no mundo virtual.

Assim sendo, a inclusão digital de idosos tem potencial para contribuir para uma maior valorização social e a reinserção como cidadão contemporâneo, com capacidade de integração aos novos tempos, para os quais tem o que oferecer e desenvolver.

Constatou-se que o uso dos recursos informatizados permite ao idoso mostrar seu potencial de aprendizagem, possibilitando a reconstrução de suas concepções e de seu cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. IBGE. Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios [online] 2002. [capturado 2006] Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>
2. Kachar V. Terceira Idade & Informática: Aprender revelando potencialidades. São Paulo: Cortez; 2003.
3. Pozo JI. Aprendizes e Mestres: A nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed; 2002.
4. Morin E. O Método 3: O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina; 1999.
5. Glock S. Concepções de envelhecimento em homepages elaboradas por idosos [dissertação] Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2005.
6. Néri AL. Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papyrus; 2001.
7. Stuart-Hamilton I. A Psicologia do Envelhecimento: uma introdução. Porto Alegre: Artmed; 2002.
8. Burnside I, Monea HE. Psychosocial caring throughout the life span. New York: McGraw-Hill; 1979.
9. Guimarães GTD. Aspectos da Teoria do Cotidiano: Agnes Heller em Perspectiva. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2002.
10. Terra NL. Envelhecimento bem-sucedido. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2003.
11. Papalia D. Olds SW. Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: Artes Médicas; 2003.
12. Cícero MT. Saber envelhecer. Porto Alegre: L&PM Pocker; 1997.

13. Faleiros VP, Loureiro AML. Desafio do envelhecimento: vez, sentido e voz. Brasília: Universa; 2006.
14. Claxton G. O desafio de aprender ao longo da vida. Porto Alegre: Artmed; 2005.
15. Alonso Tápia J. Motivar en la escuela. Madrid: Loyola; 2005.
16. Azevedo e Souza VB. O uso da Internet na construção do conhecimento sobre a área da Gerontologia. Actas da Conferência Ibero-Americana. Madrid: IADIS; 2004.
17. Ferreira AJ, Concepção de envelhecimento de um idoso autor: Um estudo de caso [dissertação] Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2005.
18. Wehmeyer COT. O ensino com o uso de recursos informatizados na aprendizagem da língua espanhola por idosos [dissertação] Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2006.
19. Vieira E. Oficinas de ensino: o quê?, por quê?, como?. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2002.
20. Ander-Egg E. Evaluación de programas de trabajo social. Buenos Aires : Humanitas; 1990.
21. Martins JS. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec; 2000.
22. Heller A. O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1972.
23. Viscott DS. A Linguagem dos Sentimentos. São Paulo: Summus Editorial; 1982.
24. Berger P, Luckmann T. A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes; 1985.
25. Arantes RP. Velho com novo olhar: a informática redimensionando as relações. [dissertação] São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.